



FESTA E FÉ NA CELEBRAÇÃO DO CONGADO DE OURO PRETO

Maria Luiza Iginio Evaristo¹

Resumo: O Congado é uma manifestação cultural e religiosa que se encontra no Brasil desde o final do século XVII e ainda na atualidade tem se demonstrado com bastante vigor em Minas Gerais. A par disso, esse artigo analisará a festa realizada pelo Congado de Nossa Senhora do Rosário e de Santa Efigênia do Alto da Cruz da cidade de Ouro Preto. Desta forma, observará como os congadeiros comungam fé e festa, tradição e atualidade, manutenção e renovação.

Palavras-Chaves: Congado; Fé; Festa.

FEAST AND FAITH IN THE CELEBRATION OF THE OURO PRETO CONGADO

Abstract: The Congado is a cultural and religious manifestation that has been in Brazil since the end of the seventeenth century, and still today it has been demonstrated with great vigor in Minas Gerais. In addition, this article will analyze the feast held by the Congregation of Our Lady of the Rosary and Santa Efigênia of Alto da Cruz in the city of Ouro Preto. In this way, you will observe how the congadeiros share faith and celebration, tradition and modernity, maintenance and renewal.

Keywords: Congado; Faith; Feast.

FÊTE ET FOI DANS LA CÉLÉBRATION DE LA CONGADO DE L'OURO PRETO

Résumé: Le Congado est une manifestation culturelle et religieuse présente au Brésil depuis la fin du XVIIe siècle. Aujourd'hui encore, il a été démontré avec beaucoup de vigueur à Minas Gerais. En outre, cet article analysera la fête organisée par la Congrégation de Notre-Dame du Rosaire et la Santa Efigênia d'Alto da Cruz dans la ville d'Ouro Preto. De cette manière, vous observerez comment les congadaires partagent la foi et la célébration, la tradition et la modernité, le maintien et le renouveau.

Mots-clés: Congado; Foi; Fête.

FIESTA Y FE EN LA CELEBRACIÓN DEL CONGADO DE OURO PRETO

Resumen: El Congado es una manifestación cultural y religiosa que se encuentra en Brasil desde el final del siglo XVII y aún en la actualidad se ha demostrado con bastante vigor en Minas Gerais. A este respecto, este artículo analizará la fiesta realizada por el Congado de Nuestra Señora del Rosario y de Santa Efigenia del Alto de la Cruz de la ciudad de Ouro Preto. De esta forma, observará cómo los congaderos comunican fe y fiesta, tradición y actualidad, mantenimiento y renovación.

Palabras-claves: Congado; Fé; Fiesta.

INTRODUÇÃO

Desde o período colonial as festas religiosas, comandadas, sobretudo, pelas irmandades religiosas leigas constituíram momento de grande regozijo social,

¹ Doutora em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora



momentos de descontrair da dura realidade cotidiana que a vida nessa região exigia. As mudanças temporais trouxeram alterações nas experiências culturais desse catolicismo vivenciado, sem, contudo, perder completamente sua essência. Um exemplo de festa que se manteve viva, com algumas alterações que tem permitido sua manutenção e propagação tem sido o Congado, cuja presença é observada em diversas localidades do Estado.

Oliveira (2011) chama atenção para a forma peculiar como os congadeiros em Minas Gerais vivenciam o catolicismo, pois no decorrer do ano todos os envolvidos na Congada realizam diversas atividades rituais para que se cumpra o Ciclo do Rosário. Tendo como ponto de partida as obrigações dos Congadeiros com os santos de devoção, este artigo será desenvolvido a partir da análise da atuação do Congado do Alto da Cruz de Ouro Preto.

O presente artigo é parte de minha pesquisa de doutorado, assim as descrições que se seguirão são resultado de quatro anos de pesquisa junto aos Congadeiros da cidade de Ouro Preto, uma análise que permitiu observar como vivenciam sua fé e como a mesma interfere nas suas experiências cotidianas como elementos inseridos dentro dessa sociedade.

DESENVOLVIMENTO

O espaço geográfico conhecido como Minas Gerais compreendia, em fins do século XVII e século XVIII, apenas a área onde se encontrou lavras de ouro para a mineração. Consoante Almeida (1980, p. 21), “por incrível que pareça tudo começou com um simples desejo de beber água”, pois foi a sede de um “mulato”² que acompanhava uma expedição, que vinha da região de Taubaté, que levou à descoberta dos granitos que deram origem a mais um capítulo da história do Brasil e do que viria a ser o Estado de Minas Gerais.

Vila Rica foi uma das melhores conquistas da coroa lusitana no Novo Mundo, principalmente, porque, em sua disputa com a Espanha, Portugal não se contentava com a exploração de pau-brasil e a produção de açúcar, enquanto sua concorrente recolhia

² O termo mulato foi empregado para fazer referência ao pensamento de Almeida (1980), contudo considero o termo citado preconceituoso pela associação que o mesmo faz de conferir à pessoa nascida de um negro(a) e um branco(a) como um ser de baixa qualidade o associando a uma mula que é resultado do cruzamento entre um jumento e uma égua.



tesouros em suas possessões (Vasconcellos, 1977). Após uma análise mais detalhada, descobriu-se que as pedrinhas escuras encontradas pelo “mulato” era um ouro de excelente qualidade que se encontrava disfarçado por estar encoberto por uma camada de óxido de ferro. Assim, tem início uma corrida para reencontrar o local exato onde o ouro foi achado, pois na memória do “mulato” ficou registrado que o local ficava próximo a uma montanha que os índios denominavam de *Ita-corumi*, o que quer dizer, “pedra menina” (Almeida, 1980).

Neste retorno, quem primeiro alcançou o local exato foi o bandeirante Antônio Dias, em 1698, que tinha entre seus acompanhantes o Padre João de Faria Fialho – capelão que foi o primeiro religioso a celebrar uma missa naquele sertão – e os irmãos Camargo (Vasconcellos, 1977). Atualmente, o padre e o bandeirante dão nome a bairros da cidade de Ouro Preto.

Assim, começaram a surgir pequenos arraiais formados pela leva de pessoas que buscavam enriquecer. No ano de 1711, esses pequenos arraiais foram reunidos num núcleo único denominado Vila Rica de Albuquerque, numa menção ao governador da Capitania de São Paulo e das Minas de Ouro, que há pouco havia sido criada. Dom João V, por achar que o nome era muito longo, o abreviou para Vila Rica e, mais tarde, a própria população nomeou-a de Ouro Preto, pois condizia melhor com sua origem (Almeida, 1980).

Para o trabalho nas minas de Ouro Preto, os escravos negros, como no restante do país, foram a opção adotada (Almeida, 1980). Alguns grupos africanos eram exímios conhecedores da arte da mineração, por isso, foram os preferidos nesta empreitada.

A maioria dos estudos sobre a escravidão brasileira aborda apenas o papel de explorado desse grupo em função de seus exploradores brancos. No entanto, é salutar que se investigue também os negros como possuidores de uma existência social (Souza, 2007). É essa existência social que torna possível, nos tempos atuais, a manutenção de tradições negras com características herdadas da África ou nascidas e ressignificadas pelo povo negro no seu passado colonial.

Conforme Carvalho (2008), a mineração, sobretudo a de aluvião, não carecia de muito investimento de capital e nem de mão-de-obra, mas, apresentava uma natureza volátil e de grandes incertezas. As fortunas podiam aparecer com a mesma velocidade em que podiam desaparecer. O ambiente urbano que cercou as áreas mineradoras possibilitou um afrouxamento no controle social até para a população escrava. Deste



modo, nestas áreas a mobilidade social era mais fluída do que nos latifúndios. Em contrapartida, a exploração aurífera e de diamantes fez com que a máquina repressiva e fiscal do Estado fosse mais intensa.

Ouro Preto mantém, atualmente, em seus casarios e igrejas, as características do período colonial; fato que é possível em função das ações da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Almeida, 1980). Ultimamente, a responsabilidade pela manutenção das características dos imóveis da cidade, que é um patrimônio histórico nacional, é do Instituto Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Em 1876, foi criada a Escola de Minas e Metalurgia, na cidade, cuja formação dos alunos é voltada para os minerais. No ano de 1969 fora criada a Universidade Federal de Ouro Preto que passou a abarcar a Escola de Minas (Almeida, 1980).

O NEGRO E CONGADO

O negro é um elemento que se faz presente em Ouro Preto desde seu descobrimento, como pode ser visto no item anterior. No bairro do Alto da Cruz e no de Padre Faria, onde se encontra a maioria dos congadeiros que compõe o Congado de Nossa Senhora do Rosário e de Santa Efigênia, pode-se perceber a alta concentração deste grupo que, entre suas ocupações, encontram-se auxiliares de serviços gerais, domésticas, cabeleireiras, guias turísticos, donas de casa e outras atividades autônomas. Contudo, deve-se ressaltar que as transformações políticas dos últimos anos têm possibilitado às novas gerações o ingresso na universidade.

Uma fala que é bastante recorrente entre os congadeiros é a de que devem se preocupar com os demais companheiros do grupo por todo o ano, e não somente durante o período de festas. E essa parece ser realmente a grande preocupação dos Capitães do Congado de Nossa Senhora do Rosário e de Santa Efigênia, quando se observa as ações empregadas por eles.

Nos últimos anos o Congado de Nossa Senhora do Rosário e de Santa Efigênia sofreu uma significativa transformação, porquanto, após quase chegar ao fim com o falecimento do antigo Primeiro Capitão e seu esvaziamento, somados a uma ruptura entre congadeiros e demais membros da Irmandade que celebra as santas citadas, ele ganha novo fôlego promovido por dois acontecimentos. O primeiro é a resolução de Rodrigo Passos em assumir o cargo deixado pelo pai, como capitão da Guarda; o



segundo é a formação de uma associação entre os dissidentes da Irmandade que dão forma a uma Associação dos Amigos do Reinado (AMIREI).

Rodrigo Passos era bem jovem quando seu pai faleceu e não tinha consciência da responsabilidade que tinha pela frente. Após a insistência e o apoio de sua mãe e de outros congadeiros, ele resolveu assumir o cargo deixado pelo pai. Em seus relatos revela que só conseguiu continuar essa jornada por causa do acolhimento dos congadeiros mais antigos e que, mesmo assim, quase que essa tradição chega ao fim por uma série de problemas que passavam, principalmente pelo baixo contingente de pessoas, a falta de equipamentos e de dinheiro.

De acordo com as informações de Kátia Silvério, em entrevista realizada no final de 2014, a ruptura ocorrida na Irmandade do Rosário do Alto da Cruz se deu porque parte de seus membros passaram a questionar a existência de Chico Rei, atribuindo-lhe o caráter de lenda. Contudo, alguns membros não concordam com este questionamento.

Como ele [Chico Rei] é lenda se minha mãe contou pra mim, a mãe dela contou pra ela, a mãe da minha vó (sic) contou pra ela e antes disso alguém contou pra ela? (Kátia Silvério – Terceira Capitã do Reinado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia – 14/12/2014).

Tornando inviável a permanência do grupo que acredita na existência de Chico Rei na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, estes saíram e formaram a AMIREI que, de acordo com o seu sítio eletrônico,

[...] surgiu a partir do fortalecimento da Guarda de Congo de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia do Alto da Cruz em meados da década de 2000. A entrada de novos membros e a maior participação do congado nas celebrações religiosas colaborou para conquistar o apoio da paróquia e das comunidades locais, desenhando um cenário favorável à retomada da centenária celebração do Reinado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia. (AMIREI, 2015).

Essa iniciativa tem se demonstrado primordial para a organização do Congado de Nossa Senhora do Rosário e de Santa Efigênia do Alto da Cruz, pois representa um ponto de referência onde é possível, inclusive a recuperação da história dessa manifestação cultural/ religiosa e um local de preservação da história que está sendo construída no momento.



NOVOS E ANTIGOS ATORES

O primeiro Capitão da Guarda de Congo de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia, Rodrigo Passos, é um jovem que assumiu o posto após a morte de seu pai, como mencionado acima. Sem estar preparado para a responsabilidade que teria pela frente, contou com o apoio de sua mãe e de congadeiros mais velhos para levar adiante a empreitada que a gerações sua família se encontra envolvida.

Mas primeiramente o Congado começou há muitos anos atrás. Esse congado nosso ele está com aproximadamente, pelo que eu contei do tempo do meu pai até eu agora, estamos com 67 anos de existência desse grupo. Mas existia o grupo de Saramenha, no Cuxo era meu avô que era o capitão mestre, né? Foi se criado lá esse congado que vem de geração em geração. Esse congado foi se criado lá, não se sabe o interesse de se criar um congado aqui de Ouro Preto, mas se sabe que era através do legado de Chico Rei mesmo, né! São todos mesmos descendentes de Chico Rei. (Rodrigo Passos – Capitão Mestre da Guarda de Congo de Nossa Senhora do Rosário e de Santa Efigênia, 2014).

A figura do emblemático Chico Rei é de grande relevância para esse grupo, pois, teria sido o monarca o responsável pela criação da Irmandade do Rosário e de Santa Efigênia do Alto da Cruz, da igreja de Santa Efigênia e, principalmente, do ritual que deu origem ao Congado na região. Ultrapassando a questão religiosa, Chico-Rei, para os negros e seus descendentes, é exemplo de luta e de conquista.

O jovem capitão, que assumiu o posto aos 17 anos, sempre enfatiza em sua fala a importância dos mais velhos. Aliás, essa prerrogativa de reverência à ancestralidade é notada entre todos os praticantes de Congado, em toda localidade onde o mesmo é praticado.

Eu sabia a letra das músicas, mas não sabia como cantar elas com fé. Foi os congadeiros mais antigos que me ensinaram a cantar com fé para louvar Nossa Senhora do Rosário. A fé pra mim é tudo. A fé e o Congado eu levo pra todos os momentos da minha vida. (Rodrigo Passos – Primeiro Capitão do Congado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia, 2014).

[...] Esse Congado vem do meu bisavô, do meu avô e do meu pai até onde eu sei, mais antes teve meu tataravô quem sabe. (Rodrigo Passos – Vídeo postado na página da AMIREI, 2013).

O Congado, que quase acabou por falta de pessoas, hoje conta com cerca de 70 pessoas, quase trinta por cento são crianças e a presença de jovens é significativa.



Questionada a esse respeito, a Terceira Capitã respondeu que “a juventude do Capitão atraiu outros jovens.” (Kátia Silvério – Terceira Capitã do Congado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia, 2014).

O filho mais novo da Terceira Capitã, Kátia, também faz parte do Congado desde bem jovem, e, aos 15 anos, João divide o comando, como Capitão, da Guarda de Moçambique junto com seu tio Kedison. Nota-se com isso que no Congado é bastante comum a participação de famílias inteiras ou parcialmente. Entretanto, algumas crianças não têm nenhum parente no Congado, como a jovem Sara, de sete anos, pois sua mãe a leva em todos os ensaios e acompanha a filha nos cortejos, mesmo não sendo integrante do Congado ouro-pretano.

Deste modo, vemos uma reconstrução do que Reis (1991) chamou de parentesco ritual, o autor se referia aos enlaces feitos entre negros escravizados vindos da África ou nascidos no cativeiro na América portuguesa que, destituído do convívio de seus parentes consanguíneos, se rearranjaram através das irmandades negras, formando um novo vínculo que se dava pela fé ou outras afinidades (Reis, 1991). Hoje percebe-se uma reatualização dessas formas de viver coletivamente entre os grupos negros; experiências como os movimentos negros e o congado atual fazem parte desse rearranjo.

As crianças e jovens que compõem a Guarda de Congo recebem uma gama de informações sobre a história do Congado e de seus antepassados negros, o que torna possível a renovação de integrantes, a manutenção e perpetuação dessa manifestação cultural e religiosa. Contudo, para esse grupo de jovens e crianças o aprendizado recebido extrapola o campo sagrado/ religioso alcançando a esfera do social, uma vez que discussões referentes ao negro e sua integração na sociedade atual também são questionamentos aos quais são submetidos para um debate.

OS PREPARATIVOS PARA A FESTA

Nas próximas páginas segue a descrição para os preparativos da Festa em homenagem a Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia do ano de 2015; embora a pesquisa tenha acompanhado os dois anos posteriores, optou-se pela descrição do primeiro ano de acompanhamento do grupo pela novidade que representava naquele momento na recolha de dados. No entanto, vale ressaltar que o foco central, a reunião e



a saída dos congadeiros para a realização das atividades, não apresenta grandes variações. Assim, a escolha do referido ano é apenas para tornar a descrição mais didática.

A comunidade do Alto da Cruz e de Padre Faria foi avisada, previamente, que no penúltimo domingo de dezembro de 2014 o grupo de Congado de Nossa Senhora do Rosário e de Santa Efigênia sairia em busca de donativos para a realização da festa em homenagem às santas, que seria realizada no mês seguinte. O boca-a-boca pela comunidade, as notas na rádio do NEAB da UFOP, assim como os avisos dados pelo padre, prepararam a comunidade para esta contribuição. No dia destinado à recolha desses alimentos o grupo composto por adultos e crianças estava a postos para essa jornada. Os componentes do Congado presentes na casa de Kátia, a Terceira Capitã, se reúnem no que chamam de “caminhada do Reinado para a arrecadação de alimentos para a festa”. Afinal, no dia da festa com os grupos de Congado que vêm de outras regiões, somam-se milhares de pessoas, e o Congado de Ouro Preto se responsabiliza pela alimentação e acolhida de todos, pois este é o papel dos anfitriões.

Organizados em duas filas, as crianças vão à frente seguidas de homens e mulheres sob o controle do Primeiro Capitão que fala da importância daquela atividade e critica alguns congadeiros que não compareceram porque, nas palavras de seu líder, “acham que esse momento é menos importante do que a festa” (Passos, 2014). Cada um segurando seu instrumento (tambores, pandeiros, caxixi), sob o comando do Primeiro Capitão, inicia-se uma série de orações para São Benedito, protetor dos cozinheiros (afinal, estão saindo para recolher alimentos a serem servido nos dias de festa), e a Nossa Senhora do Rosário e de Santa Efigênia as santas oragos da Guarda de Congado em questão.

Ao comando do apito do Primeiro Capitão, inicia-se o toque dos tambores, pandeiros e caxixis, um canto do Reinado para Nossa Senhora do Rosário. Os passos seguem em compasso e toda essa movimentação segue o apito do Capitão, que se encontra preso num colar de contas. Em seguida, sobem a ladeira de Padre Faria cantando, batucando e dançando. Este é o sinal para que os moradores saiam de suas casas e entreguem os alimentos (arroz, macarrão, feijão, enlatados, refrigerantes, entre outros). Um carro de apoio segue o cortejo recolhendo os alimentos. A saída do grupo pelas ruas é marcada por uma forte ação ritualística que consiste em preces, cantos e

danças em homenagem a Nossa Senhora do Rosário e em agradecimento aos moradores que se dispõem a doar todo o tipo de alimentos para a festa.

O dia, embora bem quente, está nublado e logo a chuva cai. O Primeiro Capitão preocupado com seus companheiros, principalmente com as crianças, entram, cantando, dançando e batucando, na casa de dona Maria, a responsável por carregar a bandeira de Nossa Senhora do Rosário no dia da festa. Lá permanecem um tempo cantando, beijam a bandeira e se benzem com a mesma. Depois de um tempo, o Primeiro Capitão dá o comando para a música cessar e ele começa um discurso. Sua primeira fala é agradecendo à dona da casa que os acolheu, em seguida fala o que é ser congadeiro, ser negro e ter fé, questões que para ele são quase indissociáveis, pois “minha fé me ajuda não só no Congado, mas na minha vida” (Rodrigo Passos – Primeiro Capitão do Reinado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia, 14/12/2014). Após um novo canto, o Primeiro Capitão chama atenção sobre o fato de a música fazer menção a eles. Pois a seu ver, “nós somos o negro de que fala a música. Nós também somos de Angola” (Rodrigo Passos – Primeiro Capitão do Reinado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia, 14/12/2014).

A letra da música em homenagem a Nossa Senhora do Rosário possui uma única frase repetida várias vezes:

Nêgo, nêgo, nêgo de Angola, congadeiro de Nossa Senhora. (Ponto cantado pelos congadeiros de autoria desconhecida).

O discurso, os agradecimentos e os cantos seguiram por mais um tempo. A chuva parou, mas o Primeiro Capitão achou melhor não seguir no processo de busca de doações. Pediu para que os congadeiros, no decorrer da semana, avisassem aos moradores que eles poderiam deixar os mantimentos na casa da Terceira Capitã Kátia, ou que eles buscariam na casa dos interessados em ajudar. Finalizando com uma prece, cada congadeiro foi seguindo seu caminho.

Essa ação, embora com o contratempo da chuva, durou por toda a tarde e início da noite. Os alimentos recolhidos foram todos estocados na casa da Terceira Capitã. Algumas pessoas preferiram a doação de dinheiro, para que o grupo pudesse escolher os gêneros que mais careciam.

O poder público também é um investidor da festa, pois contribui com uma verba liberada por meio de edital de incentivo à cultura, que também é empregada na



organização dos serviços, na aquisição de materiais a serem utilizados nas diversas demandas que o evento pede, e mesmo no auxílio de congadeiros.

Entretanto, contar com essa verba nem sempre é sinal de tranquilidade, pois a burocracia atrasa a entrega da verba aos congadeiros. O que causa transtornos entre os congadeiros e os fornecedores, uma vez que contratam serviços com a palavra de que o compromisso será saldado numa determinada data e, não podendo cumprir o prazo, se veem endividados e com altos juros a serem pagos.

Esses transtornos fazem com que o Congado ouro-pretano esteja sempre buscando alternativas para superar as dificuldades financeiras. Um modo que tem sido utilizado é a venda de CDs com os cantos do Congado. As vendas são feitas nas visitas a outras localidades, na sua própria festa e pelos próprios membros do Congado de Nossa Senhora do Rosário e de Santa Efigênia.

A FESTA

Conforme enunciado por Perez (2008, p. 01), a festa é um campo que possibilita pensar a vida humana por meio da coletividade numa dupla modulação, quais sejam, o imaginário e a agregação, uma vez que em seus distintos regimes empíricos atuam as mais diversas e singulares ligações, tornando possível para quem dela participa vivenciar outra existência distinta do “real socializado”, pois esta existência é própria da festa.

Ainda no período colonial a religião se configurava como núcleo sólido de convivência sendo a responsável pelas manifestações da vida social, uma vez que as festas e as demais manifestações religiosas configuravam uma forma de reunião social, sobretudo nas áreas mais afastadas dos engenhos e fazendas, enfim, nos núcleos mais rurais. O sagrado e o profano caminhavam juntos e eram as festas as responsáveis pela quebra da monotonia cotidiana, sendo, em grande parte a única oportunidade de distração e divertimento da população (Wernet, 1987).

De acordo com Vilarino (2009, p. 99), as manifestações que celebram Nossa Senhora do Rosário, sob a organização das irmandades negras, são heranças dos cortejos reais que o reino congolês passou a realizar após a sua conversão ao catolicismo, e se deu com os primeiros contatos deste povo com os portugueses. Tal prática se estendeu até o Brasil colonial. Na atualidade, essas manifestações são vistas



como espaços de resistência cultural e religiosa, uma vez que em seus rituais permanecem guardados a fé e a devoção aos santos do catolicismo, assim como às divindades africanas, com especial destaque às “almas dos antepassados de cada Reinado”.

Conforme salienta Jurkevics (2005), parte das festas religiosas que, na atualidade são movimentadas por milhões de devotos, tiveram suas origens ainda na denominada religiosidade colonial ou no que a autora chama de catolicismo popular, mas que esta pesquisa prefere se referir como catolicismo vivenciado. Outras festas surgiram posteriormente e foram incorporadas ao calendário religioso no decorrer da história do Brasil; contudo, apesar de serem um fenômeno de longa duração, se constituem por uma profunda marca de um referencial de fé, mesmo que seus elementos constituintes sejam atravessados por características das regiões onde são celebradas (Jurkevics, 2005). Na atualidade, vivencia-se um momento de redescoberta e reatualização das festas religiosas como fenômenos culturais e no campo da investigação histórica a visibilidade das mesmas revela crenças e vivências em que sua demarcação se dá num tempo e numa identidade coletiva (Jurkevics, 2005).

As festas são rituais onde se faz o intercâmbio entre o homem e o divino, onde os limites do sagrado e do profano são percebidos de forma bastante tênue (Reis, 1991). A festa se constitui como um ritual religioso em que se percebe que se tornam mais aliviados tanto o sagrado quanto o profano, a fé e o festejar, o riso, mas também o fervor da oração, a música e o dançar, as solidariedades e, igualmente os reencontros, são os componentes de um cenário onde há a esperança nas dádivas divinas sem se esquecer das graças alcançadas (Machado, 2000).

Na atualidade, o prestígio institucional não é foco do desejo dos congadeiros, embora cada cidade, cada Guarda, se esforce para realizar a melhor festa possível. No entanto, quanto mais convidados comparecerem à festa, mais gasto o Congado festeiro terá; embora demande mais energia gasta para a obtenção dos subsídios que contribuirão no alojamento e alimentação dos convidados, isso é visto de forma bastante positiva para a Guarda da cidade, pois demonstra o prestígio do responsável pelo grupo (Vilarino, 2009).

Ao se pensar a Festa em homenagem a Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia, realizada em Ouro Preto, percebe-se a circularidade que se torna evidente com o retorno anual cíclico do processo de preparação com a coleta de verbas, fundos,

alimentos e outras ajudas que a viabilizem, assim como a própria realização da festa. A continuidade está presente na realização dos seus ritos, seja o levantar das bandeiras, a alvorada, o cortejo ou a missa Conga. E durante todo esse processo, o sagrado, presente na fé, nas preces e nos ritos, caminha junto com o profano que insere temas sociais na festa, como a dificuldade enfrentada pelo povo negro, ou mesmo no proceder para a realização da festa em que se preocupa com segurança, dinheiro, acolhimento, alojamento, dentre outros.

A festa vai do primeiro ao segundo domingo de janeiro. Embora durante toda a semana haja grande movimentação, os pontos primordiais da comemoração se concentram com no hasteamento das bandeiras de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito, dando início às festividades e ao tríduo, que ocorre nos três dias finais das comemorações. Os eventos, que ocorrem de segunda-feira até sexta-feira à tarde, não são necessariamente religiosos, o que não significa que sejam menos importantes, principalmente para os Congadeiros e para a Comunidade do Alto da Cruz e Padre Faria. Neste período é realizada uma série de palestras com temas voltados para o Congado e retratando a consciência negra. Essa iniciativa se deu a partir do momento em que a Amirei assumiu a responsabilidade pelo Congado de Nossa Senhora do Rosário e de Santa Efigênia do Alto da Cruz.

Assim, é possível notar que o Congado de Nossa Senhora do Rosário e de Santa Efigênia do Alto da Cruz realiza um importante papel de formação de seus congadeiros, sobretudo, jovens e crianças, mas igualmente, da comunidade local, pois as atividades são abertas e destinadas a todos que delas desejem participar. Por isso, os líderes do Congado local tem o cuidado de convidarem para a realização dessas palestras profissionais conceituados no versar sobre o tema tanto da supracitada manifestação cultural, quanto no que se refere ao conhecimento sobre o negro e suas questões. Desta maneira, os palestrantes podem ser tanto pessoas cujo conhecimento foi forjado na academia, quanto pessoas em que as experiências de vida no Congado lhes proporcionaram um outro tipo saber, mais orgânico.

No primeiro domingo da semana, destinada à festa, ocorre o hasteamento dos mastros no adro da capela de Padre Faria. Um mastro para cada uma das santas (Senhora do Rosário e Efigênia) e um para São Benedito, para que não falte alimento, nos dias de festa, a ser servido aos seus convidados.



No domingo que dá início às festividades, pela manhã, os congadeiros se reúnem nas escadarias da igreja de Santa Efigênia pedindo a benção para o reinado. Esse processo se dá sempre acompanhado de música e dança.

Às dezenove horas é realizada uma missa na capela de Padre Faria e após o seu término, às vinte horas, ocorre o levantamento das bandeiras de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito. Nova missa é realizada na capela de Padre Faria para os festejos do Rosário e de Santa Efigênia, e volta a acontecer na quinta-feira da mesma semana, em que há a participação do Grupo de Oração do Pilar.

A sexta-feira é dedicada à missa que dá início a essa última fase dos festejos, o tríduo, nessa ocasião conta-se com a participação do Terço dos Homens de Cachoeira do Campo e do Terço dos Homens de Lírios do Campo.

No sábado, pela manhã, começam a chegar os primeiros grupos de congadeiros visitantes que são alojados e alimentados na Escola Estadual Desembargador Horácio Andrade, localizada no bairro de Padre Faria. O local funcionará como uma base para todos os grupos, inclusive para o grupo de congado local.

Neste mesmo dia, sábado à noite, ocorre a segunda atividade oficial do tríduo, com a ida do grupo de congadeiro local e os visitantes, que já estavam na cidade, até a igreja de Santa Efigênia onde são recebidos pelo padre e é celebrada uma missa. O retorno ao alojamento, na Escola Estadual Desembargador Horácio Andrade, ocorre sobre animadas danças e cantos, como já haviam feito quando se deslocaram da escola para a igreja. Na escola todos jantam, tomam banho, mas a cantoria e a dança em homenagem a santa não cessa, a animação seguiu até por volta de meia-noite.

Os convidados são importantes para o sucesso da festa, pois demonstram a popularidade dos Capitães e dos grupos de Congado. Assim, tão importante quanto oferecer uma festa que acolha bem a todos, é a reciprocidade em retribuir a visita recebida que deve ser considerada.

Para os congadeiros tudo que lhes é oferecido deve ser agradecido a Nossa Senhora e a Santa Efigênia, principalmente. Por isso, nota-se que determinadas situações, que para quem não está inserido no universo do Congado não é de muita importância, para os congadeiros são de grande respeito. Desta forma, se reza porque chegaram bem, porque lhes foi dada uma hospedagem, pelo alimento e pelo acolhimento, para que possam voltar no ano seguinte e para que tenham um bom retorno às suas cidades. As homenageadas da festa são lembradas e reverenciadas a todo



momento, mesmo por aqueles que saem para beber alguma bebida alcoólica. A movimentação na escola é grande e, durante todo dia, surgem pessoas, se alimentando, cantando, dançando, revendo amigos de diferentes localidades, contando causos, paqueras entre os mais jovens, outros aproveitam para visitar determinados pontos turísticos das cidades como algumas minas, por exemplo, e no final da tarde se preparam para a ida à igreja de Santa Efigênia. Como o espaço da escola permanece aberto, alguns moradores locais, não ligados ao Congado, também se aproximam para ver toda a agitação. Assim, a circulação de pessoas nesse pequeno trecho da cidade de Ouro Preto, nesses dias de festas, é muito grande, pois, somado ao grande contingente de congadeiros, tem-se a presença do público que acompanha cada etapa da festa.

De acordo com DaMatta (1997, p. 47), em diversas sociedades, e no Brasil não é diferente, os eventos sociais são classificados conforme sua ocorrência. Há os eventos rotineiros que ocorrem no dia-a-dia; os que se localizam fora dessa rotina, mas que são previstos, como o caso das festas, conferências e cerimoniais, por exemplo, que por sua natureza aglutinam pessoas, categorias e grupos sociais; assim, o autor os denomina de “extraordinários construídos pela e para a sociedade”; por fim, há os eventos “extraordinários não previstos” os quais extrapolam a rotina, sem, contudo, serem controlados pela sociedade, caso dos milagres e tragédias.

O caso desta pesquisa, certamente, se encaixa no de um evento extraordinário em que há um controle da sociedade em seu preparo e que foi feito para a mesma. Durante toda a semana, o controle nos eventos das celebrações às santas e a mobilização social confirma a classificação feita por DaMatta (1997). E no último dia de festa não foi diferente.

De acordo com Eliade (2016, p. 31), o homem religioso não vê o espaço como algo homogêneo uma vez que este apresenta rupturas e quebras. As porções de espaços são em relação uma das outras, qualitativamente diferentes. O sagrado, ao se manifestar através de uma hierofania, promove a ruptura na homogeneidade do espaço, além de revelar uma realidade absoluta “que se opõe à não-realidade da imensa extensão envolvente”.

Para o homem religioso o espaço sagrado se revela como um valor existencial, pois tudo que se começar e for feito deverá o ser por meio de uma orientação prévia e “toda a orientação implica a aquisição de um ponto fixo”. Eis o motivo que leva o homem religioso a se esforçar a se manter no “centro do mundo” (Eliade, 2016, p. 32).



No domingo (último dia de festa), às 4h da manhã, todos já se encontram reunidos de pé para dar início à primeira atividade do dia, que ocorre uma hora depois, a Alvorada. A rotina deste evento foi observada nos três anos em que a pesquisadora acompanhou a festa. Neste ponto dos festejos, os grupos de congadeiros estão vestidos com suas roupas de gala e seguem em direção à igreja de Santa Efigênia, num ritual que comentam existir desde o século XIX, onde clamam para que o padre abra as portas da igreja para que entrem e reverenciem as suas santas de devoção, Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia. Um a um os grupos de congados vão entrando na igreja e prestando suas homenagens por meio dos cantos, batucadas, danças e preces.

Alguns congadeiros, ao entrarem na igreja de Santa Efigênia o fazem descalços, pois dizem fazer tal ato por respeito à igreja e aos santos que ali habitam, principalmente Santa Efigênia e Nossa Senhora do Rosário.

Certamente, Eliade (2016, p. 35) veria nesse ato o homem religioso reconhecendo que no espaço sagrado há uma hierofania, uma irrupção do sagrado que porá em destaque aquele território do “meio cósmico”, qualificando-o como diferente. Entretanto, vale observar que o congado hoje, mesmo tendo sofrido diversas alterações, porque os acontecimentos e os fatos não são estáticos, ainda mantém uma forte ligação com o passado, pois no período escravagista o escravo não podia utilizar calçado, muitos nem acesso poderiam ter às igrejas. A partir dessa observação pode-se pensar os pés descalços na igreja como uma herança social de um estado de inferioridade a que o homem negro foi submetido desde períodos remotos. O escravo deveria andar descalço, mesmo que tivesse meio para obter um calçado, pois a ausência de sapatos explicaria sua condição de cativo (Souza, 2007; Silva, 1988).

No Congado deve-se compreender que o corpo é o “lugar-memória” em que o próprio antepassado se encontra eternizado, edificado, e se encontra presente. Deste modo, tudo em uníssono, bailado, canto, tambores e preces constituem uma das formas mais expressivas de manifestação afro-brasileira contida em Minas Gerais (Vilarino, 2009, p. 100).

A saída do cortejo é sempre programada para sair às 9h, mas somente por volta das 11h, normalmente, é que os grupos seguem dançando e cantando pelas ruas da cidade de Ouro Preto até à Mina da Encardideira, a mina de Chico Rei, local em que um ritual é realizado e os dançantes refazem o caminho de volta, sempre com muita dança e



canto. A música é, para os congadeiros, uma forma de louvar os seus santos de devoção e, por isso, veem esse momento com grande respeito.

Todos os olhares estão voltados para os congadeiros dançantes, reis, rainhas, princesas. Anônimos, fora do período da festa, durante os festejos os congadeiros dão entrevistas, tiram fotos, recebem e distribuem sorrisos. De acordo com Perez (2008, p. 1), a partir de uma ótica analítica, a festa torna possível “que se tome por um outro aquilo que faz a sociedade, em sua dimensão de comunhão coletiva”.

A Missa Conga, em Ouro Preto, é realizada por três padres, um deles, negro, que sempre celebra a missa no período do Congado. Diferente do clérigo da igreja de Santa Efigênia (que também foi um dos celebrantes desta última missa), o padre Edson disse durante a missa ser mais ambientado aos rituais do Congado.

Os cantos são feitos por diferentes guardas, assim como no momento do ofertório, que chamam de oferenda, entram representantes das diversas guardas que participam da festa levando broa, milho cozido, cana-de-açúcar e outras frutas variadas, pipoca, doces ao som dos tambores, gungas, sempre dançando. Porém, vale ressaltar que os demais momentos da missa são os mesmos dos cultos que não possuem essa denominação.

Após a missa ocorre a descida das bandeiras de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito (santos de devoção negra). Esse ritual marca o fim da festa. Neste momento as Guardas visitantes começam a se dispersar para retornarem às suas cidades. Algumas ainda entram na capela de Padre Faria para fazer um último agradecimento e pedido de um bom retorno. Enquanto tiver Guarda visitante, neste processo, dentro da capela, a Guarda festeira se mantém junto, pois a não presença desta última junto pode ser interpretada como descaso, acarretando um mal-estar entre as Guardas.

CONCLUSÃO

O Congado de Nossa Senhora do Rosário e de Santa Efigênia do Alto da Cruz da cidade de Ouro Preto tem se renovado e reinventado, o que tem possibilitado sua manutenção. Para além da fé dos congadeiros a junção desse grupo possibilita o aprendizado sobre sua própria cultura tanto no presente quanto no passado.

A festa, ponto alto, do Congado é a concretização de um trabalho de um ano inteiro de preparação do corpo e do espírito que se materializa na semana de

comemoração. Situação que renova rito, estreita laços com os membros da Guarda local e também das Guardas visitantes.

A alta presença de Guardas visitantes, tal qual os inúmeros convites que a Guarda estudada recebe para outras festas a serem realizadas em diferentes localidades de Minas Gerais e mesmo de outros estados da federação demonstra que essa manifestação cultural ainda tem fôlego para resistir por muitos anos.

REFERÊNCIA

ALMEIDA, Lúcia Machado de. *Passeio a Ouro Preto*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

EVARISTO, Maria Luiza Iginio. *Sincretismos, negociações e conflitos: apropriação e inversão do catolicismo nas irmandades negras de Nossa Senhora do Rosário na Minas Gerais do século XVIII*. Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade de Juiz de Fora para obtenção do título de Mestre, 2013.

FERREIRA, Rodrigo de Almeida. *História pública e cinema: o filme Chico Rei e o conhecimento histórico*. Revista Estudo Histórico. Vol. 27, nº 54, jun-dez, 2014, pp. 275-294. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/eh/v27n54/0103-2186-eh-27-54-0275.pdf>. Acesso em: 12/12/2014.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Negras raízes mineiras: os Arturos*. Belo Horizonte: Mazza, 2000.

JURKEVICS, Vera Irene. Festas religiosas: a materialidade da fé. *História: Questões & Debates*, n. 43. Editora UFPR: Curitiba, 2005, p. 73-86.

OLIVEIRA, Sueli do Carmo. *O reinado nas encruzilhadas do catolicismo: a dinâmica das comunidades congadeiras em Itaúna/MG*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião), Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011.

PEREZ, Léa Freitas. Festas e viajantes nas Minas oitocentistas. *Revista de Antropologia da USP*, 2008.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SILVA, Marilene Rosa Nogueira de. *Negro de Rua*. São Paulo: Acitec, 1988.

SOUZA, Vanessa Raquel Lambert de. *O vestuário do negro na fotografia e na pintura: Brasil 1850-1890*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação do Instituto de Artes da UNESO. UNESP, São Paulo, 2007.

VILARINO, Marcelo de Andrade. *Festas, cortejos e procissões: tradição e modernidade no congado belo-horizontino*. Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em ciência da Religião da UFJF para obtenção do título de mestre. Juiz de Fora, 2007.

Recebido em janeiro de 2019
Aprovado em março de 2019